

## **Cineclubes Católicos e Imprensa: a formação do espectador cinematográfico modelo**

PUHL, Paula Regina (Doutora em Comunicação Social)Feevale/RS

SILVA, Cristina Ennes da Silva (Doutora em História)Feevale/RS

O presente estudo problematiza a relação entre o Cinema, considerado como prática comunicacional, e a construção das identidades culturais mediadas pela Imprensa. Como estudo de caso foi utilizado o município de Novo Hamburgo, localizado no Rio Grande do Sul. Foram selecionadas matérias do jornal local da região, chamado NH, entre os anos de 1960 e 1965. Nos primeiros seis anos da década de sessenta, a cidade contava com diversas atividades ligadas ao Cinema. A localidade possuía quatro salas de projeção e um cineclube ligado à igreja católica que “pregava” nas colunas **Cinema- Orientação e Cotação dos Filmes**, as idéias religiosas indispensáveis que deveriam ser conhecidas pelo um bom cidadão antes de assistir a um filme. A partir do recorte selecionado foi percebido que a atuação constante do cineclube a partir dos textos publicados no jornal. As colunas refletiam as mudanças sociais e culturais de uma cidade que nasceu da valorização do trabalho, mas que também buscou nos filmes uma forma de conhecer outros mundos, que acabou influenciando a construção identitária dos hamburguenses, que emergiu das telas dos cinemas e foi disseminada e atualizada pelas páginas do jornal.

**Palavras-Chaves:** Cinema, Cineclubes católicos, Imprensa, Identidade.

### **1. A construção do argumento<sup>1</sup>: a locação, os cenários e a distribuição das idéias**

A circulação da informação gera tensionamentos entre os sujeitos que pertencem a um grupo, a uma comunidade. Esses sujeitos mantêm referenciais, que os diferenciam ou aproximam. Por pertencerem a um território demarcado é preciso compreender como as práticas comunicacionais colaboram para a formação/construção das suas identidades. A problematização sobre identidade será baseada em Chartier (1991), Bourdier (1998) e Hall (2005), que consideram identidade, como algo múltiplo que se constitui como processo em permanente construção e em relação ao outro, a partir da relação de alteridade e do sentimento de pertença.

Para Bourdieu (1998, p.10) o sentimento de pertença a um determinado grupo está representado por símbolos. Segundo, o autor,

---

<sup>1</sup> Argumento: Percurso da ação, resumo contendo as principais indicações da história, localização, personagens. Defesa do desenrolar da história.

Informação retirada do site: <http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm>, acesso em 24/01/2008.

os símbolos são os instrumentos da integração social, de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração 'moral'.

Chartier (1991) complementa ao relatar que a construção das identidades sociais pode se dar de duas formas. De um lado, como resultado do tensionamento das forças que compõem a sociedade; de outro, como reflexo da imagem que cada grupo tem de si mesmo e como age neste sentido.

Chartier acredita que a teia de representações e os seus significados estão em constante construção e essas representações recebem influências de acordo com os interesses dos grupos que as produzem, refutando assim a idéia de neutralidade dos atores sociais. Nas palavras de Chartier, embora as representações do mundo social aspirem à universalidade, “são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.(CHARTIER, 1991, p.17)

Para Hall (2005) a evolução no mundo pós-moderno apresenta a mudança do sujeito, que antes possuía uma identidade unificada e estável, e que agora está se tornando fragmentada, por isso o sujeito começa a reconhecer as várias identidades, que podem ser até contraditórias e não-resolvidas. Nesse contexto, “próprio processo de identificação, através do qual se projetam as identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático e é por isso que Hall afirma: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13).

Dessa forma, esse estudo procura investigar o processo de formação das identidades a partir do Cinema como prática comunicacional e a sua influência nas relações sociais. A recepção desses discursos será investigada em um campo de interação e de trocas, mediados pela mídia impressa.

Porém o significado e o direcionamento dessas práticas comunicacionais, dependem do lugar onde circulam e dos sujeitos que as recebem, possibilitando diferentes formas de sociabilidade e, também, das novas possibilidades de permanente (re)construção da identidade.

Neste artigo o lugar de produção e circulação desses discursos<sup>2</sup> é a cidade de Novo Hamburgo. Conforme Petry (1944) o surgimento dessa comunidade está ligado ao projeto imperial brasileiro de ocupação da região meridional do país, com população européia leal ao Imperador e a Coroa. Assim, desembarcaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, sucessivas levas de imigrantes de origem germânica se estabeleceram em várias regiões do Estado.

Um desses núcleos que se formou foi o de *Hamburger Berg*, hoje bairro Hamburgo Velho da cidade de Novo Hamburgo, localizada a 45km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Esse núcleo foi o responsável pela criação da cidade, potencializada pela criação da linha férrea, um dos mais importantes impulsionadores do desenvolvimento das colônias germânicas no Vale do Sinos. De acordo com Petry (1944) essa facilidade de escoamento da produção colonial e a qualificação para o trabalho artesanal dos povoadores de origem germânica, apoiado pela existência do couro e derivados como matéria prima, fez desenvolver-se a indústria coureiro-calçadista.

No início do século XX, Novo Hamburgo permanecia como Distrito de São Leopoldo, mas seu desenvolvimento comercial e industrial fez crescer a idéia de sua emancipação. Assim surgiu a primeira construção de uma identidade do hamburguês que, motivado por questões econômicas e administrativas, propõe a sua separação municipal, e a partir daí a valorização do trabalho e do progresso ficam reconhecidos como valores hamburguenses. A emancipação de Novo Hamburgo aconteceu em 27 de Abril de 1927.

A disseminação desses valores ocorre na comunidade e ganha cada vez mais espaço nos jornais, que, por sua vez, adquirem uma importância cada vez maior na construção da identidade local. Desde a emancipação Novo Hamburgo, contava com um jornal chamado “O 5 de abril”, que foi fundado pelos emancipacionistas. Com o fechamento do semanário, em 1960 um novo jornal com interesses comunitários desponta na cidade. Esse jornal é chamado de NH (sigla de Novo Hamburgo), que nasce com o propósito de ser um aliado da economia regional. Sua missão manifesta é a de informar com independência, exatidão e respeito

---

<sup>2</sup> O conceito de Discurso neste artigo deve ser compreendido como formas simbólicas. Segundo Thompson (1995, p.79) formas simbólicas são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”.

ao cidadão, bem como estimular o desenvolvimento das comunidades e dos setores onde atua.<sup>3</sup>

Com base no Jornal NH, para essa pesquisa foram fotografadas e posteriormente selecionadas as matérias veiculadas entre os anos de 1960 e 1965, que tinham alguma citação relacionada com o cinema<sup>4</sup>. Nessa época o jornal era semanal e não possuía uma diagramação fixa, assim como os locais para a divulgação da programação dos cinemas ou ainda a coluna do Cine Clube de Novo Hamburgo (CCNH), ocupavam páginas diferentes em cada edição. No gráfico a seguir (Gráfico I) é possível visualizar a relação entre as edições pesquisadas e a incidência de informações ligadas ao Cinema, separadas por ano.

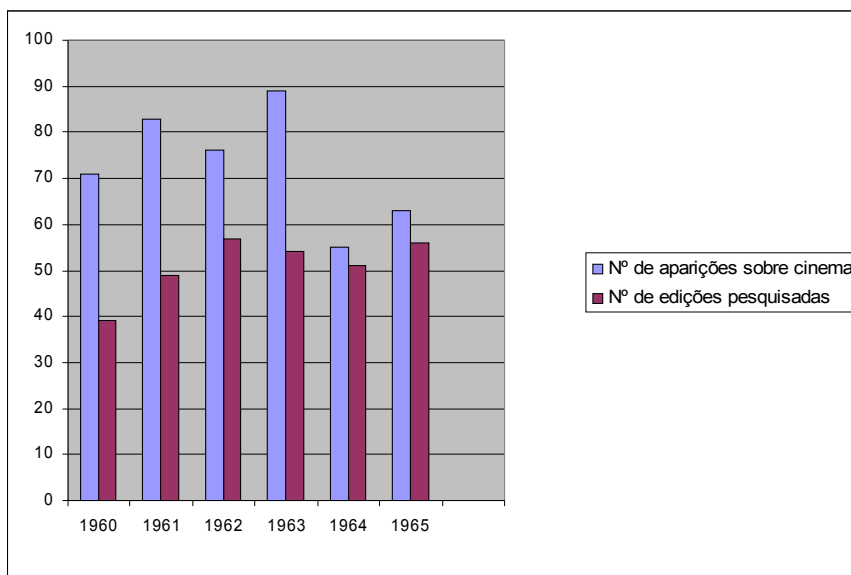


GRÁFICO I – Relação entre edições pesquisadas e o número de aparições sobre Cinema

Conforme o Gráfico I o número de notas/ matérias/ comentários veiculadas no jornal foi bem representativo. Por isso, foi necessário fazer uma seleção do material, apoiada na coleta de discursos referentes ao tema cinema que teriam influenciado/ colaborado com a construção das identidades dos sujeitos de Novo Hamburgo, para isso foram selecionadas as matérias escritas pelos membros do Cineclube de NH.

<sup>3</sup> As informações referidas sobre a estrutura, missão, etc encontram-se em: <http://www.gruposinos.com.br>, acesso em 24/01/08.

<sup>4</sup> A coleta e organização do material teve a colaboração da bolsista de Iniciação Científica da Fapergs Vitória Schilling, do Curso de Comunicação Social - Jornalismo e do bolsista de Iniciação Científica da Feevale Carlos Ströher do Curso de História. Esse estudo faz parte de um projeto mais abrangente denominado “ O doce nada fazer: um estudo das identidades em Novo Hamburgo”.

## **2. Novo Hamburgo 29º: terra fértil para a religião e para o caos <sup>5</sup>**

A relação entre as cidades e o Cinema geralmente é caracterizada como uma prática de lazer e divertimento. No caso de Novo Hamburgo, principalmente, nos anos 60, o Cinema esteve sempre muito presente, seja pelo número de salas de projeção, que eram quatro: Lumière, Avenida, Aida e Carlos Gomes (depois chamado de Saionara), ou pelas atividades do Cine Clube Novo Hamburgo (CCNH), responsável em redigir a Cotação Moral dos Filmes, de acordo com os paradigmas católicos, mas também em tornar acessível filmes produzidos seja na Rússia, na Polônia ou na Alemanha.

Um cineclube possui características que são mantidas em nível internacional, são construídos legalmente, com caráter associativo e estatuto próprio, explicam Ramos e Miranda (2000). Sua finalidade intrínseca é a divulgação, a pesquisa e o debate do cinema como um todo. O primeiro cineclube brasileiro chamado Chaplin Club foi fundado em 1928, no Rio de Janeiro. Nos anos 40 surgiu o Clube de Cinema de São Paulo, que foi o embrião para a Cinemateca Brasileira.

Em 1948, foi fundado no Rio de Janeiro, o CECRJ – Círculo de Estudos Cinematográficos e no Sul começam as atividades do Clube de Cinema de Porto Alegre. Para Ramos e Miranda (2000, p. 128) nos anos 40 e 50 o cineclubismo brasileiro “era detentor das melhores cabeças pensantes do meio cinematográfico brasileiro, possuidores de uma visão universalista e com profundo engajamento estético”. Em contra partida, ainda nos anos 50, um forte movimento de orientação católica estimulava a cultura cinematográfica e a fundação de cineclubes, acabando por influenciar nos anos seguintes a atividade cineclubista em todo o país.

Ribeiro (1997) conta que a preocupação do Vaticano com a produção cinematográfica se coloca oficialmente em 1936 com o lançamento da Encíclica *Vigilanti Cura* pelo Papa Pio XI que define sua posição em face do cinema. Foram traçadas diretrizes para a ação dos católicos e a instituição da classificação moral dos filmes.

Foi com uma segunda Encíclica, a *Miranda Prosus*, escrita pelo Papa Pio XII, publicada em 8 de setembro de 1957, que a Igreja começou a se preocupar com todo

---

<sup>5</sup> A cidade de Novo Hamburgo está localizada a 29 graus de latitude ao Sul e 51 graus de longitude ao Oeste.

segmento da atividade cinematográfica, desde os espectadores até os exibidores, relata Ribeiro (1997).

Essa repercussão chega ao Brasil em 1952 por intermédio de uma missão do OCIC (Office Catholique International du Cinéma), chamada no Brasil de (Organização Católica Internacional do Cinema e do Audiovisual) e que tinha como finalidade a promoção de cursos e seminários que estimulassem a formação de cineclubes ligados a Igreja. Para reforçar e sistematizar as orientações católicas, em 1953 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criou o Centro de Orientação Cinematográfica, destinado à formação de espectadores <sup>6</sup>.

Mas é nos anos 60 que o cineclubismo passou por uma expansão significativa. Para Ramos e Miranda (2000, p. 129) “foi um movimento artificial, insuflado pela Igreja Católica, que detinha o monopólio da atividade”. Esse movimento foi liderado pelos padres: Guido Logger, Massote, Lopes, Humberto Didonet e Hélio Furtado do Amaral.

Em 1962 foi fundado em Porto Alegre, durante a III Jornada de Cineclubes, o Conselho Nacional de Cineclubes (CNC), entidade que tinha como finalidade organizar as jornadas cineclubistas e direcionar o movimento no país.

Entretanto, nos anos de 1964 e 1968, Gusmão (2006) relata que com a instalação do regime militar as atividades cineclubistas entraram em declínio. A autora (2006, p. 53) complementa que “nesse período o país possuía cerca de 300 cineclubes e seis federações regionais. O CNC e as federações desapareceram em 1969, assim como quase todos os cineclubes do interior do país”.

Para verificar os fatos descritos serão cruzadas as informações históricas com os dados empíricos disponibilizados pelas matérias pesquisadas, serão destacadas em itálico os fragmentos das matérias. Na matéria (1) NOTÍCIAS DO CINE CLUBE<sup>7</sup> que trata de um convite para a Conferência sobre cinema, ministrada por Humberto Didonet<sup>8</sup> e em seguida

<sup>6</sup> Além da OCIC, o Vaticano conta com a UNDA, a Associação Católica Internacional para a Rádio e a Televisão e em 2001 instituiu a SIGNIS, a nova organização católica internacional para todos os audiovisuais e Internet. No Brasil a criação definitiva da SIGNIS só ocorrerá em 2010.

Fonte: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2001/november/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20011120\\_ocic-unda\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/november/documents/hf_jp-ii_spe_20011120_ocic-unda_po.html), acesso 19/01/2008.

<sup>7</sup> Matéria (1) publicada em 01/10/60, p. 13, no Jornal NH.

<sup>8</sup> Humberto Didonet, militante católico dirigia o Cineclubes *Pro Deo*, fundado em 1954 em Porto Alegre. Publicou alguns livros sobre o apostolado ou técnicas de cinema, como o "Curso de Cinema", no qual explica, no cap. II, intitulado "Cultura e Educação Cinematográfica", quem devem ser os educadores: "Os pais,

informa que o cineclube projetará um filme no presídio central da cidade, como “serviço de recreação aos detentos (...) se trata de uma medida de grande alcance social e humano”. Aqui é visto com clareza o paradigma católico de catequização, ao promover o curso e a ação social direcionada a projeção de um filme para os excluídos.

Na matéria (2) CINEMA-ORIENTAÇÃO<sup>9</sup>, o cineclube “leva ao conhecimento do público apreciador de um bom filme, as cotações morais, comentários técnicos e artísticos, referentes aos programas cinematográficos dos Cinemas da nossa cidade”. Em seguida o texto informa que as cotações estarão de acordo com o OCIC (Órgão Cinematográfico Católico). Gusmão (2006) conta que a ação da Igreja mobilizou recursos e pessoas para a implantação de uma política para a atividade cineclubista, através da promoção de cursos, como foi apontado na matéria (1) e formou equipes para difundir a organização, investindo na publicação de livros e apostilas. “Estima-se que se chegou a 100 o número de cineclubes pelo comando da Ação Católica no Brasil” (GUSMÃO, 2006, p. 53).

Esse comando pode ser verificado pela Cotação dos filmes apresentada ainda na matéria (2), que diz o seguinte:

1- PARA TODOS – ou sem objeção; 2- ADOLESCENTES- ou sem objeção à crianças – filme sem inconvenientes para crianças devidamente advertidas ou adolescentes; 3- A- ADULTOS – ou com objeção a menores – filme sem inconvenientes para adolescentes devidamente advertidos e adultos; 3 – B – ADULTOS COM RESERVAS – ou : PARA ADULTOS COM RESTRIÇÕES – filme que embora não seja formalmente desaconselhado, se destina a público adulto bem formado, visto apresentar restrições morais mais ou menos sérias; C- PREJUDICIAL – ou: DESACONSELHADO – filme que traz prejuízos para a maioria do público, mesmo adulto, e só poderá ser visto por razões sérias; 4- CONDENÁVEL- filmes que não deve ser visto, por ninguém, ao menos por disciplina religiosa.

Na matéria (3)<sup>10</sup> é examinado o funcionamento da Cotação dos Filmes, ao citarem o filme *Desejo*, lançado nos Estados Unidos em 1958. “*Adultério, infanticídios, ódios, ambições, ganância, desfilam em um ambiente sombrio, sem que surja um lampejo de*

---

sacerdotes, mestres de todos os graus, dirigentes da juventude. Devem eles tomar conhecimento do assunto. Proibir completamente o cinema da Juventude é perder sua confiança” (Didonet, 1960, p.6) .

<sup>9</sup> Matéria (2) publicada em 08/10/1960, p. 2, no Jornal NH.

<sup>10</sup> Matéria (3) publicada em 28/01/1961, p. 2, no Jornal NH.

regeneração ou de bondade, de que são portadores até os maiores criminosos”. Ainda descrevem a direção de Delbert Mann de “frouxa e pobre de idéias”, já sobre o ator Anthony Perkins destacam que foi “seu pior papel” e ainda julgam que a escolha de Sophia Loren “revela falta de senso do diretor”. Resultado: a cotação do filme é DESACONSELHADO. Ao final dessa matéria o membro do cineclube faz o seguinte comentário: “Como vemos, pelos comentários acima fornecidos, a presente semana cinematográfica, não nos traz nada de proveitoso”. Após esse comentário é visto que além da cotação moral estabelecida, existe a presença de comentários, que revelam o posicionamento do CCNH, como uma organização ligada à moral e aos bons costumes, visto que passou despercebida a informação de que *Desejo* havia recebido a indicação ao Oscar de Melhor Fotografia - Preto e Branco, na edição de 1969.

O cineclube tinha como objetivos analisar as obras cinematográficas, seguindo os mandamentos cristãos, e advertir a população a respeito dos filmes em cartaz seja pelas características técnicas ou pela ideologia cristã. Essa ação é vista na matéria (4) e na matéria (5)<sup>11</sup> onde o CCNH “ensina” como apreciar um filme. Por serem dois textos marcantes para instalação dos ideários do Cineclube, optou-se em colocá-los na íntegra:

**Como Apreciar um Filme**

Para ter proveito de um filme deve-se atender:

**I — ELEMENTOS ESTÉTICOS VISUAIS:**

1. Elementos dramáticos:
  - a) — O décor; b — A iluminação; c — O ator.
2. Elementos plásticos:
  - a — O plano; b — A angulação; c — O enquadramento.
3. Movimentos de Câmera:
  - a — «Travelling»; b — «Panning» ou Panorâmica.

**II — ELEMENTOS ESTÉTICOS AUDITIVOS:**

1. O som;
2. O diálogo;
3. A música.

Algumas breves palavras sobre o Décor.

O décor é a fotografia das cenas com todos os elementos que circundam o ambiente em que se movimentam os personagens, é o cenário teatral. Mas, cenário, em cinema significa não somente o livro pelo qual se faz o filme com todo o seu découpage.

O décor é o maior meio de expressão do cineasta para realizar a sua obra de arte. A composição das linhas, a colocação dos planos, a iluminação das superfícies do décor, traduzem o clima psicológico, o ambiente, a atmosfera particular em que se desenrola a ação dramática. O décor em si, não tem sentido nenhum se não ligado à ação dramática. O décor insinua a idéia básica do filme. É o seu mundo externo, onde se movimentam as suas idéias, seus sentimentos em busca da verdade humana. O aparecimento de uma nuvem, de um rosto de criança, de uma gota de chuva, de uma faca e muitas outras cousas insignificantes não representam como um ator; mas, o nexo que estabelecem com a ação dramática impressionam profundamente o espectador. É o trabalho do diretor do filme que coordena todas as imagens de modo que apareçam intimamente ligadas às anteriores e subsequentes. Léon Borsacq define o papel do décor desta maneira: «Escolher todos os elementos mais típicos e pô-los em uma rigorosa ordem de tal maneira que cada elemento participe das composições plásticas das imagens, indicando ao mesmo tempo o quadro em que se desenrola a ação».

LAIR

<sup>11</sup> Matéria (4) publicada em 05/11/1960, p. 2 e Matéria (5) publicada em 03/12/1960, p. 2, ambas publicadas no Jornal NH.



FIGURA 1 – Matéria “Como apreciar um filme”

FONTE – JORNAL NH, PUBLICAÇÕES DE 05/11/1960, NA PÁGINA 2 E DE 03/12/1960, NA PÁGINA 2.

No texto da (FIG 1) as preocupações com a fruição estética fez com que o CCNH, divulgasse uma espécie de guia, a fim de levar aos leitores do jornal NH informações e parâmetros cinematográficos de análise de filmes, sem citar, nesse comentário, os valores morais que poderiam vir a influenciar a apreciação das películas. Nessa matéria o autor apresenta os elementos que fazem parte de um filme de forma objetiva e técnica.

Na matéria (5) (ver FIG.2) é abordada a questão do ator, sendo observada a condenação ao público que vai ao cinema para ver os artistas e não se preocupam com a montagem, a fotografia e a “mensagem humana”, e ainda diz“(…) *outros, ainda consideram o cinema um simples passatempo para esquivar-se da vida real*”. E para terminar essa matéria, o recado final tenta mais uma vez convencer e “alertar”, os que queriam continuar na caminhada cristã - “*Procuremos sair melhor da sala de projeção, para isto escolhemos o nosso programa de acordo com os ideais cristãos*”.

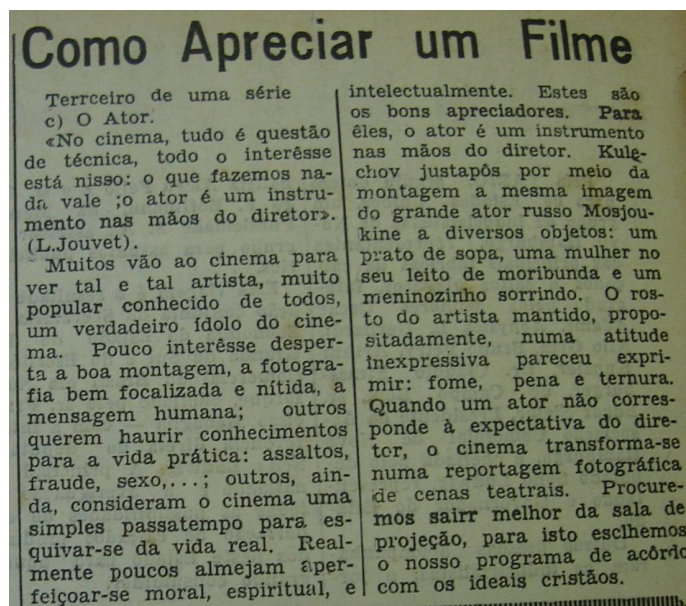


FIGURA 2 – Matéria “Como apreciar um filme”

FONTE – JORNAL NH, PUBLICAÇÕES DE 03/12/1960, NA PÁGINA 2.

Na matéria (6)<sup>12</sup>, que trata da preparação da III Jornada de Cineclubes, que foi realizada no Rio de Janeiro nos dias 21 a 24 de janeiro de 1961, um dos principais assuntos

<sup>12</sup> Matéria (6) publicada em 10/12/1960, p. 2, no Jornal NH.

a serem tratados na jornada, seria a criação da Confederação Nacional dos Cineclubes, que tinha como ambição *“uma nova e prometedora era para o cineclubismo brasileiro que progride a passos de gigantes”* e para isso o CCNH estava preparando a documentação exigida para enviar para a Comissão Central. Ainda na mesma matéria é anunciado que um dos membros que estaria representando o CCNH, seria o sócio-fundador Padre A. Roque Konsen. O mesmo texto também cita que o cineclubes, com somente três meses de criação<sup>13</sup>, tinha feito inúmeras promoções e se considerava uma *“entidade, que verdadeiramente, pugna pela cultura da arte cinematográfica”*.

Ao relacionar as informações citadas nas matérias do Jornal NH com informações de Lunardelli (2000) é possível traçar um outro cenário sobre a III Jornada e as suas ambições e conseqüências. De acordo com a autora a III Jornada Nacional de Cineclubes contou com cineclubistas da Argentina e Venezuela, somando mais de 70 participantes, mas o Conselho Nacional de Cineclubes foi instituído somente um ano depois, em 1962 durante o encontro de Nova Friburgo no Rio de Janeiro.

Porém, é importante destacar, que o poder da Igreja nesse processo se manifestou ainda na I Jornada, em 1959, e se consolidou na II Jornada, que ocorreu em Belo Horizonte, em 1960, quando o movimento católico gaúcho era liderado por Humberto Didonet. Segundo Lunardelli (2000, p. 110) *“os católicos gaúchos eram bem articulados, tinham projeção nacional e definiam a relação de forças dentro do movimento cineclubista”* e para fazer frente a essas idéias o Clube de Cinema de Porto Alegre, representado por Ary Mendonça, que manifestou a sua discordância e se posicionou a favor da liberdade de expressão e da opinião e contra pré-determinações de qualquer ordem.

A IV Jornada ocorreu em Porto Alegre, de 13 a 19 de julho em 1963, que teve como presença *“censora”* o olhar atento do secretário da OCIC Ruben Vasquez vindo especialmente de Montevideo para acompanhar os trabalhos. Nota-se a presença católica nas bases de organização do movimento, responsáveis pela organização da Federação e impondo assim as suas maneiras de pensar baseadas nas premissas cristãs.

---

13

As atividades do CCNH iniciaram em 14 de setembro de 1960.

Foram procuradas inserções em matérias do Jornal NH da época da IV Jornada e não foi localizada nenhuma informação sobre o evento.

Retornando ao ano de 1960, considerando que este foi o ano de consolidação do CCNH, na matéria (7)<sup>14</sup> são descritas as principais atividades em três meses de atuação da entidade, por Gilberto Mosmann, presidente do cineclube. Algumas delas foram:

a concretização da primeira etapa da Campanha de Esclarecimento Público, que foi constituída das seguintes etapas: sete cine-foruns (os maiores cineclubes do país realizam dez POR ANO) uma pré-estréia; dez programas radiofônicos, quatro lançamentos de filmes, três sessões cinematográficas, inúmeras publicações em periódicos locais, da capital do Estado e em Revistas do Rio, (...)

Com essa matéria publicada no último dia do ano, onde o presidente do cineclube presta contas à comunidade, são visíveis as características do município ligadas ao trabalho e a transparência das ações. Pois mesmo o CCNH sendo uma entidade cultural deveria funcionar com a mesmo sistema das fábricas de calçados da região, ou seja, é preciso ter resultados, mesmo que o produto seja a apreciação da arte cinematográfica.

Já o ano de 1961 foi marcado pela estabilização do CCNH, em matéria publicada em 10/06/1961 é oferecido um Curso de Cinema, ministrado por dois padres, e como justificativa a matéria reconhece o cinema como *“a distração dos nossos tempos”* e como *“este começou a fazer parte quase obrigatória no programa de vida diária ou semanal de ricos e pobres”*, por isso era preciso que jovens e adultos comparecessem ao curso que prometia ensinar em cinco dias, com aulas de 50 minutos, *“todos os ângulos culturais e técnicos do cinema”*.

No ano de 1962, uma das atividades mais expressivas do cineclube foi a promoção da conferência *“O Cinema e a Sociedade”*, ministrada pelo professor Hélio Furtado do Amaral, assessor do Juizado de menores de São Paulo. A matéria (8)<sup>15</sup> narra a pauta do encontro que era *o ingresso de menores nos cinemas, nos espetáculos, o problema da censura não só de filmes, como também de espetáculos apresentados em teatros ou televisão, e também a influência da política*. Como a organização desse encontro foi do cineclube, era desejada a disseminação do novo para inspirar novas linguagens, a exemplo

---

<sup>14</sup> Matéria (7) publicada em 31/12/1960, p. 2, no Jornal NH.

<sup>15</sup> Matéria (8) publicada em 20/07/1961, p. 8, no Jornal NH.

do cineclube francês “Filhos da Cinemateca”, freqüentado pelos jovens François Truffaut, Jean-Luc Godard, Luc Moulet, entre os anos de 1957 e 1958, que, mais tarde, foram os criadores da *Nouvelle Vague*, um movimento cheio de irreverência e inconformismo que se opunha ao moralismo de velhos diretores franceses.

Nessa direção, Armando (2004) argumenta sobre o incontestável o valor cultural dos cineclubes seja em nível mundial, quanto nacional a partir da década de 40. Armando (2004, p. 20) faz as seguintes diferenciações entre os cineclubes, “de um lado, os cineclubes pedagógicos catequizadores, de outro, os que se propunham fazer a cabeça dos cinéfilos. Os que queriam ensinar a arte cinematográfica aos espectadores e os que desejavam ministrar determinadas idéias pelo cinema”.

No ano de 1963 na matéria (9)<sup>16</sup> é visto que o CCNH promoveu o Festival do Cinema Polonês, com a seguinte justificativa, “*tomando consciência da realidade de que é a sétima arte faz parte da educação e formação social, moral e ideológica do homem e principalmente do adolescente*”. Mais uma vez o CCNH traz para a comunidade filmes ditos ecléticos, provenientes de uma cultura não conhecida na região.

Em 1964 o CCNH não possui mais uma coluna específica no jornal, as citações morais somente acompanhavam as sinopses dos filmes. Um dos motivos para a falta de atividades do cineclube poderia ser a tomada de poder dos militares em 31 daquele ano, porém não foram encontradas matérias que relacionassem as atividades cinematográficas com a ditadura, nas edições de 1964.

Foi encontrado na edição do dia 07/08/1964, página 17 uma coluna chamada – MINHA SUGESTÃO – que tem como título *Cineclube nos grêmios estudantis*, que narra o I Encontro Gaúcho de Cineclubes, na cidade de Santa Maria. Nessa reunião ficou acertado que caberia ao CCNH o ponto de discussão referente à crítica cinematográfica e o cineclubismo e por isso a ameaça “televisão” é colocada em pauta.

houve debates sobre a influência da televisão no cinema, e ficou decidido que a Secretaria de Educação e Cultura irá imprimir questionários que serão distribuídos em vários cineclubes do interior do Estado, para conseqüente verificação do índice de pessoas que vão aos cinemas e outras que ficam em casa assistindo televisão.

---

<sup>16</sup> Matéria (9) publicada em 20/04/1963, p. 2, no Jornal NH.

Mais adiante, a matéria destacava a importância da criação de um departamento de cinema nos grêmios estudantis de Novo Hamburgo e pedia o apoio dos estudantes para a realização desse projeto, para que estes pudessem organizar sessões cinematográficas que não dependessem somente de Porto Alegre.

Verificou-se, por intermédio do relato acima, estava iniciando um movimento de libertação da capital. Assim como a discussão entre televisão e cinema começa a gerar polêmicas, já que esse veículo era considerado uma ameaça aos cineclubes e as salas de projeção da cidade.

### **3. Um final possível: o conflito e a construção das identidades**

Para tentar finalizar a problematização proposta, que utilizou como fio condutor a leitura e análise dos discursos manifestados pelo CCNH, que pretendiam relacionar a religião com a arte cinematográfica, constatou-se a geração de conflitos e tensionamentos. As matérias avaliadas refletiram as mudanças sociais de uma sociedade que admirava o cinema, mas que possuía no seu âmago o trabalho, a moral e a religiosidade, e por isso, a fruição das obras de arte e as diversas leituras possíveis dos produtos cinematográficos eram perpassadas por esses valores.

Além disso, ao desvelar as matérias das edições selecionadas, foi percebida uma estratégia dialógica, para a formação de um espectador modelo por intermédio da cotação moral dos filmes, incitando vários olhares, mas ao mesmo tempo, impondo valores católicos que vão ao encontro da sociedade. Dessa forma o cinema pode ser considerado como agente da construção das identidades daquela comunidade, que sobreviveu e habitou as salas de projeção até os anos 90. Esses sujeitos, imersos nesse contexto pré-determinado, defendiam incondicionalmente o Cinema, mesmo com a manifestação de regras.

Selbach (1999) conta que o fim do “cinemões” em Novo Hamburgo ocorreu devido a fatores como: a falta dos “habitués” as salas de projeção, a sonegação por parte os porteiros que não inutilizavam os ingressos e devolviam para o bilheteiro, que vendia novamente sem acionar a caixa registradora, aos filmes eróticos que entraram em cena e as cópias de péssima qualidade, pois eram alugadas das salas da capital por preços baixos.

Selbach (1999) também descreve que nos anos 90, como consequência da abertura do Shopping Center, acabam as grandes salas. Assim, os cinemas Lumière e Avenida, receberam outras personagens, os eletrodomésticos e as roupas. O Saionara se transformou em uma Igreja do Reino de Deus e o Aida em um templo religioso.

Para compor um dos finais dessa história, Chartier (1991) argumenta que a identidade que cada sociedade tem ou constrói de si passa pelo entendimento e pela própria aceitação desta identidade, construída por práticas que derivam de representações coletivas, como as atividades dos cineclubes, a crítica aos filmes ou os cursos e palestras sobre a arte cinematográfica. Para Chartier essas representações têm capacidade de seduzir sem o emprego de força, são construções que levam à elaboração de uma realidade que interfere no imaginário social. E isso é Cinema, uma prática comunicacional emissora de diversos imaginários que podem ser atualizados pelos sujeitos influenciando em suas identidades.

### **Referências Bibliográficas**

- ARMANDO, Carlos. **Os adoradores de filmes**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 May 2007. Pré-publicação.
- DIDONET, Humberto. **Curso de Cinema**. Porto Alegre, Paulinas, 1960.
- GUSMÃO, Milene Silveira in **História, Cultura e Educação**. (org) LOMBRADI, José Claudinei et all. Campinas : Editora Autores Associados , 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 páginas
- LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando Éramos Jovens**. Porto Alegre: ed. Da Universidade, 2000.

PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo Florescente Município do Vale do Rio dos Sinos**. Monografia. 4ª ed. São Leopoldo. Editora Rotermond & Cia. Ltda.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (org). **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

RIBEIRO, José Américo. **O Cinema em Belo Horizonte: do Cineclubismo à Produção Cinematográfica na Década de 60**. Belo Horizonte, UFMG, 1997.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade**. Porto Alegre: 1999. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – UFRGS, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Fonte impressa: Jornal NH (1960-1965)